REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; Gastão da Fonseca; G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO



# CHRONICA

O cholera de Toulon não passa d'uma vindicta chineza — O caneiro d'Alcantara e o saneamento de Lisboa — Caracteristicos das ultimas eleições — O theatro da Trindade, o *Boccacio* e a promettida *estrella* da epoca futura — Pelo Estrangeiro: = A peste asiatica e a peste dos *pronunciamientos* em Hespanha — Os fuzilamentos de Gerona.

O cholera!

Esta palavra sinistra como a ultima visagem d'um moribundo, tem enchido a semana com as suas tres syllabas fatidicas, em

NOS ARREDORES DE TORRES NOVAS (Copia d'uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas)

cada uma das quaes parece divisar-se um mundo de pobres diabos amarellentos, convulsionados pela febre, torturados pelas caimbras, passando d'esta para melhor vida em estertores e agonias medonhas.

A vertigem eleitoral veio por instantes velar as negras visões cholericas que a agencia *Havas* creára no nosso espirito enfermisso; mas, quebrados os sellos das urnas, restituida aos templos onde se exerceu o *sagrado direito* a sua feição habitual, arremessado aos ventos da publicidade o nome victorioso do candidato eleito, eis que a palavra maldita nos surge de novo, como um espectro ameaçador, proferida por todos os labios bonitos ou feios, escripta em todas as gazetas noticiosas e politicas, estrangeiras e não estrangeiras, d'aqui, d'acolá, do mundo inteiro, com as suas sete letras asquerosas, de que se exhala o ar gelado e pestifero dos tumulos.

E note-se que o horrido flagello não transpoz ainda os ambitos da França, onde resolveu passar a estação calmosa. Localisou-se em Toulon—o caneiro d'Alcantara do territorio da Republica—e o mais que fez foi estender subrepticiamente a perna até Marselha, n'uma curta passeiata de *touriste* pouco endinheirado.

Se o patife se lembrasse de vir, em viagem de recreio, pelos Pyreneus fóra, se batesse á porta das formosas filhas da Andaluzia, espreitando-lhes o *salero*, e se lhe aprouvesse, instigado por este asphixiante calor de julho, invadir-nos o Minho ou o Algarve, tres quartas partes da população de Lisboa morreriam de susto, á força de terem vivido, durante longos dias consecutivos, a pensar no monstro. Mas, no fim de contas, o monstro não cuida em vir cá, nem é tão feio como o pintam, iamos jural-o. D'origem chineza declarada, introduziu-se a bordo d'um navio que partia da Cochinchina para Toulon, e foi á França, enviado pelos *pavilhões-negros*, a vingar o rabicho dos seus compatriotas, das affrontas inflingidas pelas armas francezas em Bac-Ninh e Song-Tai.

Deixal-os, pois, lá jogar as cristas com os tolonezes, até que estes se lembrem de abrir canos de esgoto na sua nojentissima cidade de 80:000 mil almas, e não nos envolvamos na contenda.

O cholera em França representa uma vindicta da China, e o direito internacional, que nós saibamos, não proscreveu ainda as represalias.

Os cidadãos chinezes, á mingua de boas peças Krupp, quizeram provar ao sr. Ferry que podiam dispôr d'uma epidemia bem mais devastadora e mortifera.

Fanfarronadas do Celeste Imperio!

Em todo o caso, e como medida preventiva, sempre será bom ir desinfectando os bairros mais immundos da nossa capital, innundar d'acido phenico os quarteis militares, e resolver de vez o eterno problema do CANEIRO, essa repugnante sentina de que o bello Tejo de crystal se envergonha e de que a nossa pituitaria se arreceia com bem fundados motivos.

*
* *

Conforme annunciámos na nossa chronica anterior, as eleições são um facto consumado. A sua realisação caracterisou-se, em Lisboa, por uma paz verdadeiramente octaviana, nas provincias por um ou outro desatino a que o enthusiasmo da lucta eleitoral dará sempre margem emquanto os homens não forem anjos, e na ilha da Madeira por alguns tumultos graves que, desgraçadamente, desandaram em tragedia.

O echo sinistro dos acontecimentos occorridos n'aquella ilha, durante a eleição, chega até nós demasiadamente confuso, para que possamos desde já acceital-o como veridico, sem hesitações nem duvidas.

Segundo rezam os telegrammas, ha scenas sangrentas a registrar, pugilatos tremendos e deploraveis que desvirtuaram o acto eleitoral.

Se isto é assim, a chronica, assumindo os ares graves e serios que o caso pede, protesta, em nome do decoro, contra os desmandos que a cegueira da paixão politica dos madeirenses acaba de produzir.

*
* *

Mais um theatro que cerrou as suas portas—a Trindade,—essa elegantissima e bem fadada casa de espectaculo em que as apotheoses ao extraordinario talento da gentil Anna Pereira se succedem, e por onde teem passado, deixando um rastro luminoso, todas as mais notaveis organisações artisticas dos nossos tempos.

O *Boccacio*, de Suppé, foi o canto de cysne da epoca extincta, a chave de ouro com que fecharam d'esta vez as bellas noites da Trindade. Será elle, tambem, o encarregado por Francisco Palha d'abrir, lá para outubro, as portas do formoso theatro, assim que os calores estivaes se esvaeçam e as primeiras cacimbas do outono restituam á despovoada Lisboa tudo quanto trocou as palestras da Havaneza pelas brisas acariciadoras de Cintra, os cavacos do Gremio pela vegetação luxuriante de Collares e o bulicio monotono da Baixa pelas fragrancias dulcissimas que pairam na limpida atmosphera de Bellas e de Canecas.

Ate lá, o *Boccacio* será para nós o sonho bom de todas as noites, e Thomazia Velloso—a promettida *estrella* da futura epoca—o formoso ideal a que aspiram os nossos olhos e os nossos ouvidos.

*
* *

Do estrangeiro, quasi nada.

Em França, além do cholera que flagella desapiedadamente a população de Toulon, da aventura heroe-comica de Cambodge, e da violação do tratado de Tien-Tsin pelas tropas chinezas, nada ha de importante, que demande registro especial na chronica.

Em Hespanha adoptam-se energicas medidas contra a invasão da peste asiatica e da peste dos *pronunciamientos* militares, estabelecendo cordões sanitarios na fronteira da França e fusilando summariamente, em Gerona, dois officiaes revoltosos de Santa-Coloma de Farnés.

Qualquer das duas pestes é má, não o negamos, e o contagio dos pestiferos por egual pernicioso e daninho.

Todavia, pelo que toca á medida extrema do fuzilamento legal, a nossa penna de chronista só tem uma palavra para a definir, só encontra um vocabulo para lhe sinthetisar os horrores:—Triste!

C. Dantas.

## D. SEBASTIÃO E A RAINHA MARGOT

Um moço aspirante a diplomata, cheio de talento e de amor pelo estudo, sabendo usar dos meios de fortuna que a Providencia poz á sua disposição, e honrando com a dignidade do seu porte, a distincção das suas maneiras e os primores da sua educação intellectual o titulo que herdou e que seu pai conquistára com o seu trabalho e o seu nunca desmentido patriotismo, o joven conde de S. Mamede, emfim, acaba de publicar um folheto escripto em excellente francez, e em que se occupa de um assumpto curioso e interessante: as negociações que por muito tempo andaram travadas para o casamento d'el-rei D. Sebastião de Portugal com a formosa, sabia e leviana Margarida de Valois, irmã de Carlos IX, e esposa que veio depois a ser de Henrique de Navarra, bem conhecida entre os leitores de romances francezes pelo nome de rainha Margot, que serve de titulo a um dos mais deliciosos romances do grande Dumas.

Mentiriamos, se dissessemos ao sr. conde de S. Mamede que a sua *plaquette* se pode equiparar em valor historico aos excellentes estudos publicados recentemente pelo sr. Fernando Palha e que tanto esclarecem alguns dos pontos mais obscuros da historia nacional, mas é uma estreia excellente e auspiciosa, escripta com reflexão, com boa critica, em estylo singelo e em boa linguagem franceza. Se não dá aos que se empenham n'estes estudos um grande numero de novidades, não deixa de confirmar, com documentos curiosos, alguns dos factos já conhecidos d'esse periodo da nossa historia, e de projectar raios de verdadeira luz sobre essa physionomia fatal, melancholica e ás vezes indecifravel do joven rei D. Sebastião.

Casar o soberano portuguez, mystico, ascetico, como que selvagem para com as mulheres, com essa princeza brilhante de espirito, avida de prazeres, com preconceitos e sem escrupulos, era preparar com um seculo de antecedencia uma catastrophe similhante á que se realisou depois, no tempo de D. Affonso VI. E é curioso o saber-se agora que já se ia preparando tudo para que a catastrophe tivesse uma solução identica á que teve depois o caso de D. Affonso VI.

Os medicos e astrologos judiciarios tinham prophetisado que teria curtos annos de vida el-rei D. Sebastião. «*Il est vrai, Madame*, diz o embaixador francez em Lisboa, mr. de Fourquevaulx a Catharina de Medicis, *qu'ils se consolent au dit royaume de ce que, si le dit seigneur roi venait à mourir jeune (ce que Dieu ne veuille) ils ont le seigneur D. Duart, agé de trente deux ans, qui pourrait épouser sa femme, si elle n'avait enfants, comme plus proche à la couronne: par lequel expédient Madame, soeur du roi, demeurerait reine, et l'alliance de vos royaumes en son entier.*»

Eram previdentes, como se vê, os nossos antepassados.

A aversão que D. Sebastião professava pelas mulheres é um facto perfeitamente averiguado. O motivo d'essa aversão é menos facil de adivinhar, n'um paiz onde a má lingua é tradicional, mas onde as indiscripções das *Memorias* são quasi desconhecidas. O que se diria de D. Sebastião, muito em segredo, á esquina da rua Nova, á porta de alguma loja que seria a Casa Havaneza do seculo XVI! Mas a posteridade não teve conhecimento d'essa maledicencia, e o sr. conde de S. Mamede é que póde, rebuscando nas *Chronicas* publicadas modernamente pelo erudito Gachard, e nos *Documentos para a historia de França* e nos *Documentos para a historia de Hespanha*, encontrar algumas indiscripções dos embaixadores, indiscripções do genero mais intimo. Estamos convencidos, com tudo, de que a physiologia nada tem que ver com essa misogynia de D. Sebastião.

Eram as suas preoccupações ascetico-militares, era essa dupla educação de monge e de soldado, que o faziam considerar a um tempo como um peccado e como uma fraqueza o trato com as mulheres; era a timidez invencivel, tambem, de quem fôra educado

longe de sua mãe, e por consequencia sem convivencias femininas; era a paixão da castidade, alimentada ainda pelo excesso dos exercicios corporaes, pelos habitos da sua vida fragueira. Era perfeitamente o Hypolito grego, bem differente do amaneirado Hypolito de Racine, Hypolito que desdenha o amor cego da madrasta, não porque ande entretido a fazer madrigaes a Aricia, mas porque, infatigavel caçador, não chega sequer a comprehender as amorosas fraquezas.

Ha entre D. Sebastião e Carlos XII da Suecia, já algures o dissemos, uma similhança curiosa. Só faltaram a D. Sebastião os talentos militares de Carlos XII, como faltava ao rei da Suecia o enthusiasmo ascetico do infeliz soberano de Portugal.

O casamento, pois, assustava-o devéras, e mais o assustava ainda a idéa de ir desposar a gentil Margot, que já a esse tempo dava escandalo na côrte de França. Requestava-a sem grande recato o duque de Guise, e Margot deixava-se namorar. Imagina-se facilmente o que pensaria d'isto o castissimo soberano, que, ao receber das damas de honor um copo de agua á mesa, fazia todos os esforços para que as suas mãos e as mãos d'ellas nem por um momento se encontrassem.

Deu este projectado casamento logar a negociações curiosas. Primeiro, Philippe II de Hespanha oppoz-se-lhe energicamente, e isso percebia-se bem, porque entrava na sua politica, mas de subito mudou de opinião, e começou, pelo contrario, a favorecel-o o mais possivel. Porque? Houve para isso rasões muito complexas. Em primeiro logar Philippe II quiz desposar uma archiduqueza que estava promettida para mulher ao rei de França, e, para suavisar o resentimento d'este ultimo, prestou-se a proteger-lhe os planos com relação a Portugal, em segundo logar, sabendo que havia idéas de se ligar, pelo casamento de Margarida e de Henrique de Navarra, a casa catholica de Valois com a casa protestante de Bourbon, o que poderia dar em resultado a formação ás suas portas de uma monarchia huguenote, abandonou todos os projectos anteriores para impedir similhante catastrophe. Auxiliou-o com toda a energia o papa Pio V, mas nem um nem outro conseguiram abalar o animo de D. Sebastião, que, muito satisfeito por ter um pretexto para se poder conservar solteiro, allegava que não podia tolerar que se zombasse d'elle, propondo-se-lhe agora um casamento que primeiro se lhe aconselhára que regeitasse.

E' a historia d'estas curiosas negociações que o sr. conde de S. Mamede traça no seu folheto, discriminando com sagacidade as causas verdadeiras de tão encontradas peripecias. Entre os documentos que publica, ha alguns realmente curiosos, como são as cartas de Philippe II a Venegas, escriptas com aquella prolixidade que sempre caracterisou o estylo do sombrio monarcha, os despachos cheios de finas observações dos ministros francezes, as cartas caprichosamente orthographadas de Catharina de Medicis, e uma carta bastante rude de D. Sebastião a sua mãe.

Vão apparecendo, felizmente, em Portugal os livros d'este genero: pequenas monographias cuidadosamente estudadas, que constituem, por assim dizer, o corpo de exploradores, que ha de sempre preceder a historia seriamente escripta, com os seus grossos volumes, que constituem a infanteria pesada. O chefe d'estes uhlanos brilhantes é, sem duvida alguma, o sr. Fernando Palha, mas o sr. conde de S. Mamede, que assentou praça agora, merece já ser contado entre os seus mais distinctos cavalleiros.

PINHEIRO CHAGAS.

# A UM CORTEJO FUNEBRE

*Ó morte, ó anjo das trevas,*
*tenho de ti grandes queixas...*
*quem has de levar, não levas*
*quem has de deixar, não deixas.*

CANT. POP.

Eis tudo quanto resta ao triste, que adormece
n'um somno derradeiro e cheio de mysterio...
as taboas d'um caixão, uns crepes, uma prece
e alguns palmos de terra ahi n'um cemiterio.

Sonha-se a vida inteira e logo um dia é vindo,
em que um sopro de gelo apaga a luz. No peito
aqueda o coração... e fica-se dormindo...
Feliz o que adormece abençoando o leito.

Feliz o que sentiu pousar-lhe face a face
o espectro, que lhe traz a quietação do somno,
se um sonho não sonhou, que a dôr não lhe embalasse
feliz o que não chega ao declinar do outono.

Era um homem aquillo, essa materia inerte!
E o sino marca ao longe a marcha ao sahimento,
sem que elle ouça, que sinta, ao menos que desperte
ao mastigar-lhe o rosto o verme lento e lento.

Que ao longe brade o bronze o lamentoso dobre...
que o vá roer o verme entre a mortalha esqualida...
nem um signal de vida ali se lhe descobre!
Não faz senão dormir aquella fronte pallida!

Mas entre as multidões, se acaso ha, quem succumba
á vista d'esse esquife e de terror desmaia,
a quantos, sabe Deus, se lhes figura a tumba
o barco salvador, que nos conduz á praia?!

Deus sabe se em mar largo ás vagas inda entregue
ha, quem t'inveje agora o somno descançado,
a cova, que lá tens e o olvido, que te segue
entre essas pás de terra amontoada ao lado!

FERNANDO CALDEIRA.

# O SULTÃO BADUR

Os portuguezes estavam orientalisados. As tradições de D. Francisco d'Almeida e de Affonso d'Albuquerque haviam desapparecido.

Já se não enforcava o soldado portuguez com a jarra ao pescoço roubada ao indio, defronte da porta do queixoso, como em sua justiça ordenou o *terrivel*. Por isso, nos dias de corrupção, iam ainda os aggravados pedir-lhe justiça ao tumulo!

As paixões corriam desenfreadas. A decadencia moral, com raras excepções, existia em tudo: uma só coisa restava: o valor—esse desenganado e indomavel.

Nuno da Cunha, como dissemos no livro «Portuguezes na India», era uma nobre e elevada figura. Desinteresse, valentia, honradez, tudo primava no filho de Tristão da Cunha, que, na flor da mocidade, cruzando pela primeira vez o ferro com o inimigo, fôra armado cavalleiro pelo gigante de Ormuz, de Goa e de Malacca—Affonso d'Albuquerque.

Não sei que nação alguma, nem antiga nem moderna, tivesse maiores feitos e maiores homens do que teve Portugal entre os seculos XV e XVI. O infante D. Henrique no promontorio de Sagres, é uma estatua colossal, cujo olhar devassa o mar tenebroso e entrevê um novo mundo! Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Fernando de Magalhães, Duarte Pacheco, D. Francisco d'Almeida e seu filho D. Lourenço, Affonso d'Albuquerque, Nuno da Cunha, D. João de Castro, Gil Vicente, João de Barros, Pedro Nunes, Camões—são uma sinosura esplendida, digna do pincel correcto, colorido e brilhante do velho Plutarcho!

Como veio rapida a decadencia e em tudo!

As causas, apesar de diversos juizos aventados por homens de talento, ainda se não poderam verdadeiramente determinar. Os jesuitas entraram por muito; mas os jesuitas não exerceram exclusivamente a sua acção em Portugal; avassalaram a Hespanha, a França, a Italia, e dominaram mais ou menos por toda a parte.

Portugal abre o seculo XVI dando uma nova civilisação e um novo mundo á Europa, e, antes de findo esse seculo, estende com paciente covardia os pulsos ás cadeias ignominiosas de Filippe II. Singular destino!

Apesar das suas qualidades pessoaes, Nuno da Cunha não podia ter mão nas ondas lodosas que evadiam o Oriente. Mais para o futuro outro tanto succedeu ao nobre e generoso estoico, que viu desfolhadas todas as suas illusões, sucumbindo pobre e desenganado n'aquella India, que julgara salvar, convertendo-a n'uma terra de Promissão!

Em peitos portuguezes, na epoca de decadencia do Oriente, uma unica coisa, já o dissemos, accusava a nativa nobreza: era o valor.

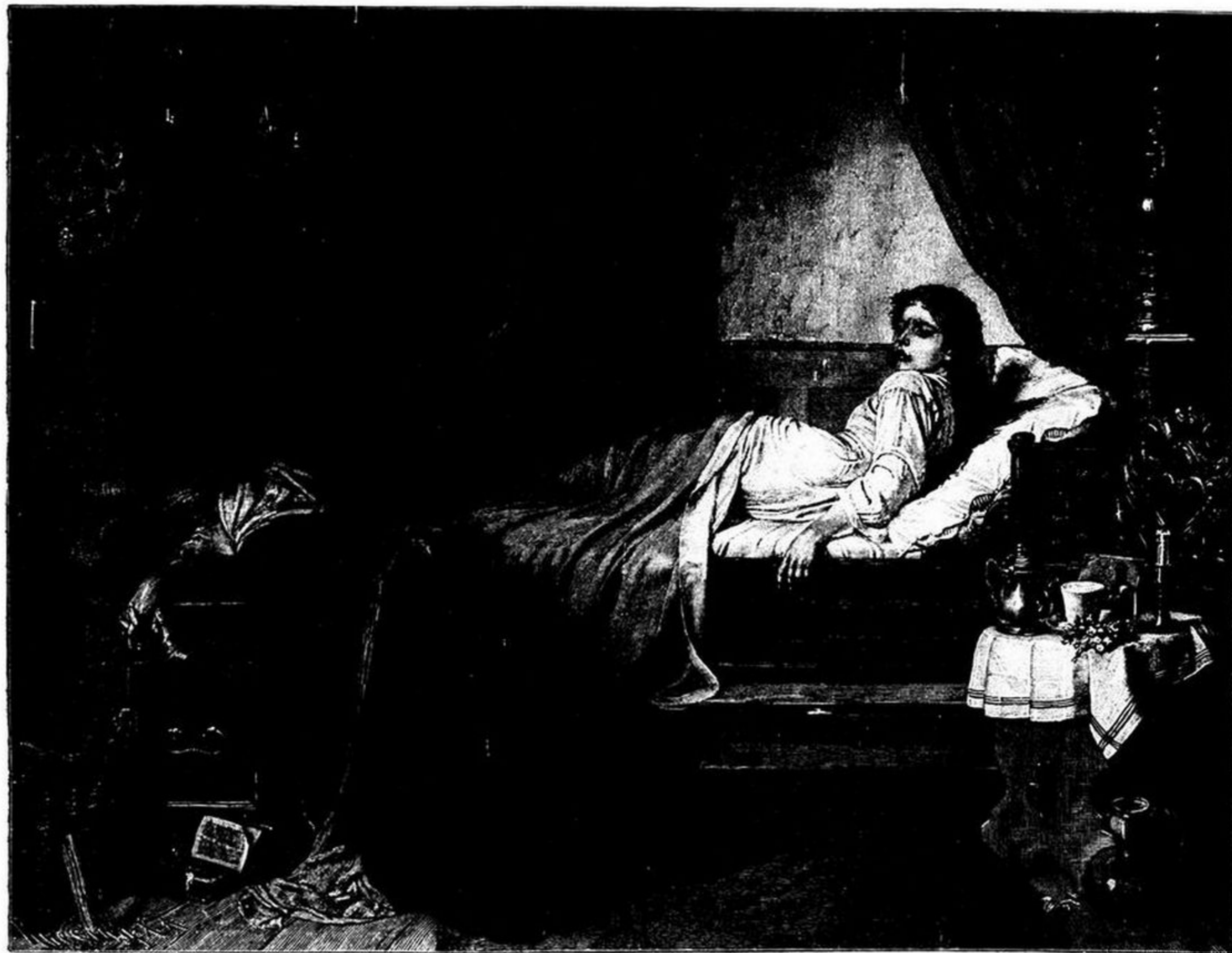
O Sultão Badur, homem de animo retraído e perverso, maquinava constantemente para exterminar os nossos. Covarde de condição, não sabia usar do seu enorme poder senão por meio de ciladas e traições. Deram-se varios lances com Nuno da Cunha. Agora fallaremos de um acto de abnegação e da maxima bravura praticado por Manuel de Sousa, capitão da fortaleza de Diu. Diogo do Coito narra-o admiravelmente. Seguimos a sua versão.

O Sultão Badur tinha os olhos sobre a fortaleza, que era para elle mais de que um perigo—uma cruel humilhação. Annunciara-se a chegada de Nuno da Cunha, e antes que ella se realisasse, o Sultão partiu para os Paços de Diu, de improviso e muito á ligeira — afforrado, como se dizia na linguagem do tempo — planeando um assalto áquella fortaleza, baluarte dos maiores feitos que se praticaram na India. A vigilancia, actividade e prudencia de Manuel de Sousa frustraram-lhe os intentos.

Decidiu então convidar o capitão a seus Paços, matal-o e acommetter a fortaleza.

Manuel de Sousa não suspeitou a traição; mas uma noite, por pessoa mysteriosa e que se dizia amiga, foi avisado.

O capitão de Diu passou o resto da noite agitado, na incerteza de que a confidencia fosse verdadeira ou falsa.

De manhã confirmou-se uma parte d'ella, porque de facto o Sultão Badur o mandou chamar com viva instancia. Manuel de Sousa não podia sustentar um cerco, porque lhe faltariam

A VIUVA (Quadro de T. by E. Rosenthal—Da Sociedade Photographica de Berlim)

EM FRENTE DO ESPELHO

Copia d'um quadro de I. R. Wehle

O BALOUÇO (Copia d'um quadro de Frederico Kraus)

mantimentos, e contra a fome e sede não havia luctar. Talvez um rasgo de audacia o salvasse, e quando fosse morto preferia a morte a entregar a fortaleza.

Os capitães, na visita do rei, iam por terra, com o sequito e honras que lhe eram proprias: a cavallo, sessenta espingardeiros de guarda, pifanos, tambores, etc. Manuel de Sousa determinou ir por mar e apenas acompanhado por um pagem. Era um rasgo temerario: mas talvez surtisse effeito.

Animado, imperturbavel, risonho, apresentou-se nos Paços do Sultão Badur, comprimentando com elegancia e desassombro os numerosos vassallos antes de se avistar com el-rei.

Esta audacia desconcertou o gentio.

O capitão, na maior tranquillidade, disse-lhe que o governador Nuno da Cunha já tinha partido de Bassaim e que estava a chegar por horas. Badur, a esta nova, aterrou-se e mudou de resolução, deixando partir em paz Manuel de Sousa e fazendo-lhe protestos da maior lealdade.

Diogo do Coito attribue o facto a milagre do ceu: o verdadeiro milagre foi o valor do heroico capitão, que se impoz ao animo ruim do cavilloso gentio.

Nuno da Cunha chegou poucos dias depois. A fortaleza salvou-se ainda uma vez, e d'essa vez devido á abnegação de um só homem, que preferiu affrontar a morte, capitulada de inevitavel, a pôr em risco o valor e a fama do nome portuguez.

Bulhão Pato.

# QUANDO PENSAS EM MIM

Quando pensas em mim, ó bem amada
Que nunca me sondaste o coração,
Julgas talvez que esta alma atrophiada
Não sentiu nunca os éstos da paixão.

E chamas-me talvez impertinente,
Se o teu olhar sarcastico me vê
Mirando-te, ao passares indolente
Sobre os fôfos coxins do teu coupé.

Cyrillo Machado.

# AS NOSSAS GRAVURAS

### NOS ARREDORES DE TORRES NOVAS

(Copia d'uma photographia do ex.mo sr. Carlos Relvas)

Um quadro escolhido por mão de mestre. Natural e singelissimo, tem o cunho da simplicidade rustica, uma variedade encantadora de tons, um não sei que de suavemente poetico a deliciar-nos a vista, a provocar-nos o desejo de largar a penna e de ir por esses formosos campos fóra, em busca d'auras perfumadas, d'arvoredos umbrosos e de fontes crystallinas.

Carlos Relvas tem o condão especial de descobrir quadros d'aquelles, que ninguem mais conhece em todo o pleno encanto das suas extraordinarias bellezas campezinas, provando-nos assim que nem só a garrida e fresca Cintra merece os nossos madrigaes e é digna da affeição que lhe votamos.

### A VIUVA

(Quadro de Toby E. Rosenthal—Da Sociedade Photographica de Berlim)

Uma pobre viuva, com a alma cheia de recordações saudosissimas, consome as noites em longas rezas, procurando na oração o allivio para a dôr cruciante e esmagadora que a dilacera. Muitas vezes, os primeiros alvores da manhã veem surprehendel-a, de joelhos, lacrimosa e afflicta como a estatua do desespero, na vigilia consagrada ao affectuoso e bom companheiro que a morte lhe arrebatou para sempre.

A filha dorme descuidosa, como creança que é: mas a desventurada viuva reza e véla sempre: consiste n'isso a sua consolação suprema.

D'esta vez, porém, a fadiga prostou-a, em meio da oração da noite, n'um somno profundo, e o livro santo cahiu-lhes das mãos inertes.

E' n'essa attitude que a filha, accordando de subito e voltando-se rapidamente no leito, assustada pelo arruido, descobre a infeliz creatura.

### O BALOUÇO

(Copia d'um quadro de Frederico Kraus)

Um tosco banco de ferrador, uma simples taboa, e inventou-se aquella brincadeira, que pode ter por epilogo o mais valente dos trambolhões.

Vão lá, porém, dizer aos alegres garotitos que hão de acabar a patuscada estatelando-se no chão e magoando os ossos. E' isso em que elles menos pensam, confiados na veracidade do velho anexim:—Ao menino e ao borracho põe-lhes Deus a mão por baixo.

Se até a mãe brinca, de camaradagem com a prole irrequieta, pondo em movimento o improvisado balouço dos pequenos!

### EM FRENTE DO ESPELHO

(Copia d'um quadro de J. R. Wehle)

Tão pequenas, e já tão vaidosas das suas *toilettes* garridas e das suas bellezas cheias de frescura! A mais velha tem quatorze annos gentis; a outra, que é talvez sua irmã, completou oito ou nove primaveras, quando muito. E ambas ellas gostam de passar horas esquecidas diante do espelho, experimentando laços e fitinhas, ensaiando, em face do crystal, gestos e ademanes de senhora.

Até o *Mogol*, o Terra-Nova estremecido, cumplice de muitas travessuras da mais nova, é forçado a acompanhal-as junto do espelho, em *poses* demoradas e incommodas!

Vendo estas duas vaidosas a namorarem-se das suas pessoas, como dois Narcizos, lembra-nos o que disse algures Alphonse Karr:—Já não ha creanças; ha pequeninas mulheres.

E o grande romancista tinha rasão.

### QUE BELLO CAFÉ!

(Copia d'um quadro de Paulo Monjé)

Aromatica e appetitosa bebida!

A boa velhota que a nossa gravura representa, morre por uma chavena de puro Moka, e todas as tardes, antes de mandar para a mesa dos amos a cinzelada cafeteira de prata, cheia do saboroso liquido, se regosija com as delicias da prova.

D'esta vez provou e repete a dose, porque o café é magnifico e a tarde está fria.

Como vêem, nos labios desbotados da septuagenaria velhinha paira um sorriso d'intima satisfação. E' que ella sente-se confortada, e diz, lá de si para comsigo, n'uma eloquentissima e expressiva mudez denunciadora de ineffaveis jubilos:

—Que bello café! C. D

# O AMOR

—«O amor, uivava ao jogo o conselheiro,
Pisando a viscondessa que sorria,
Da vida na Real Secretaria
E' director sisudo e cavalheiro.»

E ella, a cravar, cosendo-se ao parceiro,
Avido olhar na calva luzidia:
—«Na tal repartição quem não seria
Ao menos ajudante do porteiro?»

—«O amor, acode o bispo, é a Santa Egreja.
E a creada, ajoujada co'a bandeja,
Vae-se a cuidar que o amor era anspeçada.

—«Loucos! o amor, rugi com voz chorosa,
É a vida se te vejo, ó prenda amada
E' a morte se me foges desdenhosa.»

José de Sousa Monteiro.

# EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Convidamos de novo os amadores de charadas, enygmas e logogriphos a enviarem-nos as suas producções, que gostosamente publicaremos, logo que satisfaçam os necessarios requisitos:—não trazerem versos errados e fazerem-se acompanhar das respectivas soluções.

Todas as composições destinadas a esta secção deverão ser sobrescristadas a *Tom Pouce*, travessa da Queimada, 35.

Pessima, mas alegre, a primeira mulher—1—1—1
Gosto e não gosto e afinal é optimo!—2—2

Tom Pouce.

Adverbio é o meu nome—1
De barro sou construido—2
Hoje sou tão desprezado
Como outr'ora fui querido.

. . . . Heroe
. . . . Heroe
. . . . Batalha
. . . . Jogo

## LOGOGRIPHO

Sou gentil e bello. Filho d'um deus e deus tambem, amei formosas deusas, adorei simples mortaes. Mas todos os meus amores foram tragicos. Esplendidas visões estendiam-me os braços: eram mulheres, sublimes creaturas, tristes e sonhadoras, a quem depois abandonava... E ellas, na solidão, a sós com a sua tristeza, chorando as suas dores, esvaindo-se em suspiros, clamavam por mim.=2—5—7—3—3—7.

Depois tentei recuar... mas a miseria abriu-me os braços... Quiz luctar contra o destino.. baldado esforço!... O destino venceu-me... Não mais encontrei o maternal amor... a minha alma, batida pelo vento da falsa esperança, absorvia-se no abysmo das trevas... O meu coração enlutado procurava um seio amigo, ainda mesmo na erma sepultura.. Oh! mas a gélida mortalha da desventura perseguia-me implacavel... Tornei-me então maldito, um impio, errante. . Todos de mim fugiam com terror.=1—2—1—7.

Um dia, após muito caminhar, refugiei-me n'uma ilha: e ahi, no meio da triste solidão, a minha voz gemente e supplicante ia perder-se na noite da treva .. É que me tinham roubado familia, patria, amante, tudo! E ahi mesmo, n'essa ilha, o odio perseguiu-me... Fugi novamente. . E todavia, que fizera eu para assim me odiarem? O meu crime era amar.. =4—7—6.

Em seguida, toda a minha vida soffreu uma completa transformação: assisti ás batalhas, ao choque das lanças; a terra estremecia sob os meus pés. adoraram-me então... A veneraram-me... é que eu era poderosa .. é que a minha lança ceifava as existencias, percorria o mundo, flammejante, torva e ensanguentada.=5—2—3—3—2—6.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Mas um dia tive um sonho: achava-me n'uma ilha formosissima... jardins verdejantes, fontes limpidas, variedade de flores e de plantas .. Uma suave fragrancia, que fallava aos sentidos, espalhava-se por toda a parte .. A formosa Leucothoe affastava as cortinas das neptunicas aguas, junto d'um rio que, nas curvadas voltas, se assimilhava ao Meandro.. Eu estava junto de uma fonte... e n'uma das columnas de jaspe branco que a sustentavam, escrevi em grossos caracteres:—VINDE, MORTAES, VINDE A MEUS BRAÇOS. . SOU A VOLUPIA... VINDE CONHECER O AMOR DOS SENTIDOS ..

AJAX.

## PROBLEMAS

1.º

1.º—Fixe-se um numero e tire-se d'elle outro qualquer inferior a 10;
2.º—Duplique-se o resto e junte-se-lhe o numero fixado;
3.º—Do resultado obtido tire-se o numero já subtrahido: triplique-se o resto e junte-se novamente ao producto o numero fixado.

Feito isto, dizer e justificar o modo de descobrir o numero em que se pensou e o qu· se tirou, sabendo o resultado a que se é conduzido pela serie de operações expostas.

2.º

Um pae, interrogado sobre a edade do filho, respondeu:
Se do dobro da edade que elle tem tirardes o triplo da que elle tinha ha 6 annos, tereis a edade que elle terá d'aqui a 4 annos.
Que edade tinha o filho?

MORAES D'ALMEIDA.

## A RIR

Um sujeito soffre de certa indisposição, a que não são estranhos os morangos e os alperces mal sazonados.

Perdendo a esperança de debellar o incommodo com remedios caseiros, recorre ao medico e pede-lhe que receite.

—Isso não vale nada, responde o esculapio; já Boerhaave dizia: A cabeça e o ventre devem estar sempre livres.

O doente, com tristeza:

—Mas note o doutor que isto, em mim, já não é liberdade; é licença!

*

Questiunculas conjugaes:

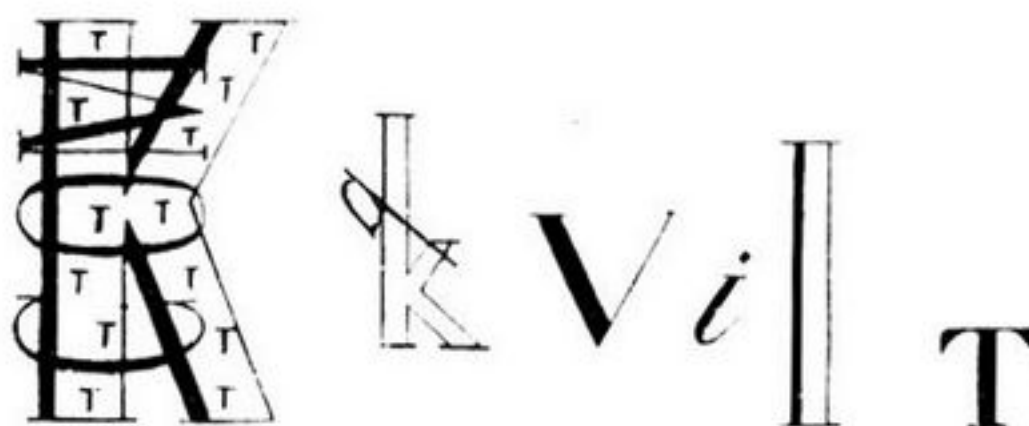
A senhora Athanasia invectiva seu marido por ter chegado aos quarenta annos sem alcançar um posto imminente na sociedade.

—Mas, minha querida, observa elle, aos quarenta annos não se é velho. Ainda posso esperar. .

—Acha pouco quarenta annos! Na sua edade já Alexandre o Grande tinha morrido seis annos antes.

UM DOMINÓ.

## ENYGMA

N.º 2

## DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª — Retalho
2.ª — i r i s
r e m o
i m a n
s o n s
3.ª — Elmano
4.ª — Gregorio.
5.ª — Papeleira

Dos problemas:

1.º — Possue 70 contos
2.º — Tinha 7 ovos.

Resolveram os problemas os srs. Alexandre Oliveira e Jorge Xavier Vieira.

Xadrez: Problema n.º 1—Esperando que alguem o resolva até sair o 3.º numero, publicaremos n'essa data a sua resolução.

Do enygma pittoresco:—O Amazonas é um grande rio no globo.

# UM CONSELHO POR SEMANA

O cold-cream é uma pommada incontestavelmente magnifica para amaciar a pelle, mas, como todas as pommadas que se empregam sobre as faces, precisa de ser feito com o maximo cuidado. É, pois, de toda a conveniencia preparal-o em casa, para ficarmos convencidos de que não contém ingredientes nocivos á saude.

Eis a receita para fazer bom cold-cream: derretem-se 30 grammas de cera branca em 215 grammas de oleo d'amendoas doces. Assim que a cera estiver bem derretida, agita-se até resfriar completamente: depois, junta-se-lhe 60 grammas de espermacete, 60 grammas d'agua de rosas, 15 grammas de tintura de benjoin e 30 gottas d'oleo essencial de rosas. O cold-cream obtido por este meio será muito fino e d'um perfume agradabilissimo.

# SOROR ESTEPHANIA

(JEANNE THILDA)

Ella sahiu do convento e tomou pelo caminho que conduzia ao campo.

A baroneza protegia a communidade, e a superiora, grata a tantos beneficios, resolvera enviar-lhe soror Estephania, a perola do convento, cujo ardente mysticismo enchia de gloria a ordem de S. Vicente de Paula.

O vento agitava o veu branco de irmã de caridade, assimilhando-a a uma colossal borboleta, voando atravez da verdura; os seus grossos sapatos levantavam a poeira da estrada, e pelos seus de-

dos escorregavam as contas do rosario, que lhe pendia da cintura. A touca emmoldurava um rosto frio e pallido, devorado pelas austeridades e pelas vigilias, uns olhos sem brilho e uns labios sem côr, onde o sorriso se extinguira havia muito: a irmã Estephania era uma santa, que inspirava simultaneamente o respeito e o terror, por isso que fallava muito mais das chammas do inferno que dos jubilos do Paraizo.

*

Começára o mez de maio: as frescas violetas punham manchas azues na herva orvalhada, a terra rejuvenescida aquecia os insectos e alimentava as formigas, que atravessavam a estrada, descrevendo zigue-zagues pretos como traços de tinta.

A irmã de caridade caminhava apressada, sem um olhar, sem um unico pensamento para essa primavera que ria em torno d'ella.

Os seus olhos gelados e duros procuravam atravez das nuvens doiradas, franjadas de purpura o Deus vingador, que castiga inexoravelmente as mais leves culpas.

No momento em que ia penetrar no bosque, a irmã viu uma rapariga pallida e macilenta, conduzindo nos braços uma creança embrulhada em farrapos.

—Oh! minha irmã! soluçou a infeliz, ajoelhando aos pés de soror Estephania, compadeça-se da pobre Rosa, a quem ensinou o cathecismo; salve o meu pobre filhinho, elle não tem culpa: seccou-se-me o leite, e meu pae acaba de expulsar-me!

—Seu pae fez o que devia, respondeu a irmã Estephania; não ha perdão para similhantes crimes; sim, a creança morrerá, Deus não quer que viva o abominavel fructo do peccado; retire-se o seu aspecto causa-me horror!

E sem se dignar olhar para a desgraçada, que chorava, estreitando contra o peito a creança, a religiosa afastou-se, agitando a sua enorme touca como uma maldição e uma ameaça.

QUE BELLO CAFÉ! (Copia d'um quadro de Paulo Monjé)

*

A baroneza, escrupulisando em privar a communidade da companhia da santa, reenviou-a, pedindo que a substituissem por outra irmã mais obscura.

Ao cair da tarde, soror Estephania voltou para o convento, tornando a passar pelo mesmo sitio onde encontrara Rosa.

A noite avisinhava-se, dispondo-se a desdobrar o seu veu de sombras sobre os esplendores do poente. Ao longo dos campos, os raimunculos, o trevo e a madresilva formavam um mosaico caprichoso e perfumado, onde as borboletas pousavam, batendo as azas. Assentados em uma pedra, um rapaz e uma rapariga conversavam, estreitando as mãos e confundindo os olhares.

A rapariga trajava um simples vestido de lã cinzenta e tinha nas mãos pequenas, um pouco avermelhadas, um molho de flores silvestres; a felicidade irradiava-lhe nos bellos olhos negros e avelludados.

O rapaz, vestindo a blusa do operario, fitava-a inebriado. A belleza, o amor e a primavera illuminava-os com o seu triplice fulgor. Ella chegava-lhe as flores á boca e ria-se, fazendo covinhas na barba, que parecia picada por uma mosca.

Elle furtava-lhe as flores, mordendo-lhe os dedos.

A irmã Estephania parára e contemplava-os! Uma onda de sangue ruborisara-lhe o rosto livido; o assombro e a indignação detinham-a petreficada em presença do abominavel espectaculo. O peccado mortal, que a sua alma execrava vagamente, sem o comprehender, apparecia-lhe em toda a odiosa evidencia de uma tentação demoniaca! De repente, a religiosa viu a rapariga curvar-se e levantar nos braços um objecto que não poude distinguir.

Um pouco mais longe, uma cabra pascia.

O rapaz foi buscar a cabra; ouviu-se um vagido; o rapaz e a rapariga ajoelharam; o objecto moveu-se, e uma creança começou a mamar com avidez.

Então, os dois cobriram o fragil corpinho de beijos, e na doçura do crepusculo as suas vozes resoaram, confundindo palavras entrecortadas e caricias loucas, que envolviam a creança em um ambiente tepido e suave como um seio materno.

N'essa occasião, appareceu a rapariga esfarrapada e macilenta: uma enorme ventura transfigurara-a, as suas feições fatigadas, queimadas pelas lagrimas, pareciam bonitas. Partiram todos juntos para a cidade.

Por muito tempo, ouviu-se ondular no espaço o tilintar do guiso da cabra e a voz melodiosa da noiva, embalando nos braços a orphã. Em seguida, tudo emmudeceu, e as grandes sombras da noite estenderam-se sobre a planicie em quanto as estrellas fuzilavam no azul.

*

Soror Estephania não se mechera. Sentia desmoronarem-se todas as crenças da sua vida; a verdade impunha-se-lhe, radiosa, indiscutivel, afugentando as trevas no meio das quaes ella caminhara até então, com passo seguro e altivo. Ao lado do Deus implacavel, apparecia-lhe de subito o Deus de misericordia. Pois que! eram aquelles os maculados, do contacto impuro dos quaes se desviava o seu vestido de virgem, aquellas duas creanças, levantando do chão o pobresinho abandonado e restituindo-lhe a vida?

As grandes azas brancas da caridade não se prendiam exclusivamente ás costas d'aquelles que ajoelhavam no pó das egrejas, batendo no peito e psalmodeando os versiculos sagrados: tambem elles possuiam um coração penetrado da doutrina do Evangelho, elles! os culpados, feridos pela tentação carnal! .

Quando anoiteceu completamente, o rouxinol gorgeiou a sua queixa dolorosa, e a lua banhou de uma luz opalina os prados e os bosques, uma religiosa, ajoelhada na estrada, levantava para os esplendores da noite as mãos postas, e no seu rosto as lagrimas corriam, deslisando gotta a gotta, brotando da caudal que acabava de nascer n'essa alma, vibrando, pela primeira vez, ao contacto dos affectos humanos!

ESMERALDA


## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

| Em todo o Portugal | | Em todo o Brazil | |
|---|---|---|---|
| Anno, 52 numeros.... | 1$560 réis. | Anno, 52 numeros... | 8$000 rs. fr. |
| 6 mezes, 26 numeros.. | 780 » | 6 mezes, 26 numeros. | 4$000 » » |
| 3 mezes, 13 numeros.. | 390 » | Avulso............ | 200 » » |
| No acto da entrega.... | 30 » | | |

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa